



O GIGANTE DE AREIA

Rosane Godoi

Era fim de abril, final de semana ensolarado e lá foi ela para o primeiro retiro espiritual do ano. Há tempos havia tido contato com uma filosofia oriental. A princípio parecera uma coisa meio infantil, meio ingênua, mas com o tempo foi se acostumando a um modo mais leve, mais feliz de viver e também foi se afeiçoando aos ensinamentos e às pessoas. A sensação de pertencimento àquele grupo e os finais de semana animados em um hotel lhe recarregavam as baterias.

Sábado, onze e meia da manhã. Ao adentrar o hotel em Joinville uma violinista de meia idade começa a tocar Luzes da Ribalta. Não perdeu a piada, olhou a todos em volta e agradeceu:

- Opa, estavam à minha espera. Tudo isso pra me receber? Muito obrigada! - e fez reverência juntando as mãos e inclinando o corpo.

Fez o check-in, subiu ao quarto no sexto andar, abriu a janela e ficou por alguns instantes na pequena sacada do hotel a observar o trânsito na rua lá embaixo. O que lhe aguardava no final de semana? Andava se sentindo um pouco só. Já sentia saudades do filho que ficara na casa de amigos na pequena e pacata cidade onde residiam. Pensou no que estaria fazendo e sentiu-se só, não iria ao shopping “comer MacDonald’s” como de costume. Pelo contrário, resolveu subir ao restaurante na cobertura do prédio e comer algo decente.

Entrou no restaurante e sentou-se numa mesa próxima à janela, pensou em tomar uma taça de vinho, mas desistiu ao lembrar que a primeira palestra iniciava às 13:00h, não haveria tempo para aquele cochilo gostoso após o almoço, era comer e correr pra não se atrasar, o japonês preletor iria notar caso chegasse atrasada. O restaurante estava vazio, apenas um casal na mesa de trás, um homem de meia idade com uma mulher meio cafona, algum lobo divorciado ou viúvo que arrumara uma namorada nova e a levava para almoçar na cobertura do hotel mais charmoso da cidade. Falavam

de política, ele falava, ela só ouvia, nem sequer uma palavra se ouvia dela. O homem empenhava-se em explicar a tragédia econômica em que o governo havia mergulhado o País e os motivos pelos quais a presidente não iria resistir muito tempo no poder. Tinha vontade de mudar de mesa e dialogar com o homem que conversava sozinho, dividir suas opiniões com ele já que a múmia ao seu lado só deveria estar pensando na conta bancária do coitado e no que diria às amigas e à família.

Terminou de comer, olhou pra sua garrafa de água tônica, mexeu o gelo no copo, bebeu o último gole. O garçom se aproxima, tira o prato e pergunta se quer um café. Agradece e desce até o quarto escovar os dentes, retocar o batom e arrumar a maquiagem borrada. O ciclo de palestras iria começar. Sai do quarto, chama o elevador e diante da demora resolve descer pelas escadas mesmo.

A primeira palestra foi boa, mas na metade da segunda não resistiu, subiu para o quarto de dormiu até a hora do intervalo. Uma hora só pra si, pra compensar o cansaço da viagem. Deitou-se e dormiu. Quando acordou já eram quatro e meia da tarde, desceu apressadamente até o saguão e tomou um suco de laranja pra matar a sede e uma porção de cafezinhos pra acordar. Foi até o auditório e lá permaneceu até a última palestra do dia que terminou às 20:00H.

À noite foi até o shopping, comeu algo rápido e retornou ao hotel, queria descansar, não queria perder a primeira palestra do dia seguinte. Caso acordasse cedo, queria participar da meditação às seis da manhã. Não acordou, eram oito horas quando o telefone despertou. Tomou seu banho, secou os cabelos sedosos e lisos, aplicou uma maquiagem leve e subiu para o café.

Após o café, às 09:30 adentrou o auditório para mais palestras até o meio-dia. Tudo muito bom, o clima era muito agradável, muitas risadas, o bom humor imperava naquele lugar. Às 12:00h o encerramento e a meditação final. Pronto, estava energizada, alegre, radiante. Subiu ao quarto, apanhou a mala, colocou no porta-malas do carro e foi ao shopping para almoçar e comprar um batom. Ao voltar, estava tão excitada que tropeçou na pantalona e caiu no piso de pedras soltas do estacionamento do hotel. Algumas pessoas até se aproximaram para ver se havia se machucado, mas levantou-se imediatamente e sorriu. Maldito joelho que teimava em bambear e lhe fazer passar vergonha em público, ligamentos e meniscos rompidos, sofria de “caideira”, mas estava bem, só um arranhão na região da patela.

Entrou no carro, fazia um calor infernal, sol ardido de início de outono, pegou a BR e dirigiu-se Curitiba, no dia seguinte tinha que pegar uma pessoa no aeroporto que vinha de São Paulo para duas palestras em sua cidade. A música no carro lhe fazia companhia, ao se aproximar da capital paranaense um engarrafamento gigantesco lhe fez atrasar a chegada ao hotel em quase duas horas. Sentia calor e dor no joelho, o tornozelo estava um bolo, mas era normal, já deveria estar acostumada, o tornozelo inchava sempre, principalmente no calor e no final do dia.

Enfim, avista o hotel próximo ao aeroporto de Curitiba, lá no alto, majestoso. Já estava acostumada com ele, sempre que viajava era ali que ficava, era meio como estar chegando em casa. Anotecera. Foi para o quarto no segundo andar e deitou na cama. Pegou o celular para verificar se havia alguma mensagem e brincar nas redes sociais

um pouco. Depois desceu até o bar, comeu um misto-quente e tomou uma cerveja. Subiu para o quarto levando mais uma cerveja para tomar mais tarde.

Já no quarto, ligou a TV, assistiu ao noticiário, bebericou a cerveja meio quente e quando esta acabou tomou um banho relaxante, só então viu que havia um hematoma no lado externo do joelho esquerdo. Não deu bola, era normal ter hematomas, sua pele era muito branca e sensível, vestiu a camisola sedosa e macia e deitou-se. Antes, porém, programou o telefone para despertá-la às seis da manhã, o avião do convidado estava marcado para chegar às oito. Por um momento pensou: como seria? Mais um velho babão que iria ficar se insinuando pra ela? Ou seria um homem bonito? Era inteligente, jornalista, escritor, já haviam conversado por telefone, embora da última vez que ele ligou tivera que cortar o papo, pois estava superatarefada e o cara insistia em protelar a conversafalando sobre a importância da leitura e a importância de saber escrever. Deveria ser um homem interessante, pensou. Uma curiosidade tomou-lhe de surpresa. Logo saberia. Ador-meceu logo em seguida.

No dia seguinte a mesma rotina de sempre, banho pra acordar, uma ducha fria no final pra ativar a circulação e espantar o sono, uma escova rápida no cabelo, maquiagem e só então descer para o café.

Às sete e trinta saiu do hotel vestindo um jeans despojado com uma blusa de meia-manga azul com uns desenhos meio psicodélicos e uma sapatilha bleu-blanc-rouge pra compor o look básico. Ainda sonolenta dirigiu-se ao aeroporto, daria tempo, o avião chegava às oito e ainda tem toda a parte do resgate das malas. O desembarque doméstico havia mudado para a nova ala do aeroporto recém-construída, teve que andar mais um tanto até lá e o joelho... ah, o desgraçado já começava a reclamar logo cedo. Lá chegando viu que o voo não havia pousado ainda, sentou-se num banco e lá ficou conversando com outro homem que também estava esperando alguém. Este contou-lhe algumas histórias de avião e de como um deles quase havia virado de costas ao decolar na semana anterior naquele aeroporto. Conversa informal, social, puramente pra passar o tempo. E o voo não chegava, e não havia informações no painel nem um balcão próximo pra perguntar. O jeito era sentar e esperar. Andou pelas lojas próximas, comprou uma gargantilha com um pingente folhado a ouro no formato do mapa do Brasil, linda, uma raridade feita com folhas desidratadas de plantas brasileiras presa a um cordão de *chamois* marrom. Pagou, voltou ao banco e ficou a observar a delicadeza daquela filigrana. Desejou o convidado que não demorasse muito a chegar, pois sentia-se tentada a gastar naquele dia. De repente o telefone toca, era a secretária avisando que a esposa do professor ligara avisando que o voo chegaria às 10:30h. Ele não usava telefone celular e havia ligado para ela de um orelhão no aeroporto de São Paulo, daí a demora na comunicação.

Que homem era esse que em pleno século vinte e um viaja de avião e não tem um telefone celular? Deve ser mais um destes intelectuais malucos que tem aos montes nas grandes cidades, pensou. Em sua última conversa por telefone havia lhe perguntado como ele a identificaria na chegada em Curitiba. Foi um pouco irônica e disse:

- Estarei lhe esperando no desembarque com uma plaquinha com seu nome escrito. – ele riu. Estava explicado agora.

Assim foi, dez e trinta e o avião desce no pátio, as pessoas começam a sair, observa as roupas, a expressão do rosto, a idade e nenhum que ela possa ter uma luz, sentia-se ridícula ali naquele lugar segurando uma placa com aquele nome impresso, mas não tinha jeito, seria assim mesmo, logo estaria acabado.

Eis que surge a criatura, no momento em que o viu não teve dúvidas de que era ele quem esperava, alto, magro, velho, muito mais velho do que imaginara, calvo e o que restava do cabelo totalmente branco amarrado num rabinho mal feito, barba branca, rosto encovado, enrugado, olhos empapuçados, vestia jeans e camiseta e carregava duas malas antigas de couro bordô. Não teve dúvidas, com aquela pinta de hippie cansado, só podia ser o cara. Ele então aproximou-se e entendeu-lhe a mão dizendo um “ bom dia, professora .” meio frio, sem esboçar um sorriso sequer. Sentiu que a olhara meio de cima, talvez pela sua altura entre 1,80m e 1,90, estimara e ela míseros 1,60m. Hmmm. Não parecia muito simpático, falava com a boca um pouco torta pronunciando um S sibilante, porém muito gentil, veio logo desculpando-se pelo atraso do voo. Ela então lhe perguntou se gostaria de tomar um café antes de pegarem a estrada e ele apenas lhe disse que queria fumar.

– Putz, o cara fumava, mais essa ainda... Já devia ter detonado tudo na vida – pensou.

Ele dirigiu-se à porta de saída enquanto ela foi ao banheiro e depois pagou o estacionamento para dirigirem-se ao carro que ficara no final do estacionamento já lotado logo pela manhã.

Saíram do aeroporto, ela ainda não estava acostumada com as mudanças no trânsito, foi seguindo as placas enquanto conversavam. Estava nervosa, não sabia direito como agir. Não conhecia aquela saída, havia obras nas ruas, de repente reconheceu a estrada por onde chegara na tarde anterior e se viu perdida, achou que estava voltando para o litoral. Parou num posto de gasolina, pediu informações. O frentista lhe deu as indicou o caminho a tomar. Não estava muito errada, seguiu em frente, pegou a próxima entrada à direita, seguiu e depois a segunda entrada à direita de novo. Estava nervosa, desculpava-se pelo erro o tempo todo, tinha medo que ele pensasse que era uma motorista de primeira viagem, uma boba. Mas ele era extremamente calmo e amável e foi conversando com ela, deixando-a à vontade. Quando enxergou a placa de saída para a BR que os conduziria ao destino, tomou a pista da direita, deu sinal, olhou pra ele e disse:

- Pronto, agora estamos indo pra casa.

Usou o “pra casa” propositalmente olhando-o de soslaio. Ele provocantemente perguntou:

- Opa, isso é um convite?

Não respondeu, riu ironicamente, olharam-se com cumplicidade e malícia e seguiram conversando amenidades. Aos poucos ela foi se soltando, a conversa foi fluindo e Curitiba ficando para trás, a cada quilometro risos, histórias já vividas, amenidades para passar o tempo. Passava de meio dia e ela decidiu parar para tomar um café. Havia um posto na estrada, com banheiros limpos onde poderiam lanchar. Perguntou-lhe se queria um café e respondeu que queria fumar. Sim, a criatura era um fumante

inveterado, já havia enfartado e não desistia do vício, contara que voltou a fumar antes mesmo de deixar o hospital, afinal, se havia sobrevivido iria aproveitar o tempo que restava. Não sabia por que, mas nem isso lhe incomodava nele. Naquela altura já começava a achá-lo um homem interessante, simpático, gostava de estar ao seu lado. Sentia a alma aquecida, uma sensação de conforto como se o conhecesse há muito tempo.

Parou no posto de gasolina, pediu um café e um pastel e sentou-se numa mesa ao lado do balcão. Ele ficou do lado de fora, a fumar mais um cigarro. Quando acabou, entrou, sentou-se à sua frente, pediu um café preto pequeno e ficou a observá-la enquanto comia aquele pastel frio e seco. Ela pediu um garfo ao garçom para comer a carne que havia derramado no prato, e ele conversava olhando fixamente dentro de seus olhos. Sentiu-se um pouco culpada em estar devorando aquela porcaria, deveria fazer uma dieta. Mas o que mais incomodava era a sensação de estar hipnotizada, havia um magnetismo inexplicável naquele homem. Há muito não via graça em nenhum representante do sexo masculino. J.L. era o oposto de tudo que procurava num homem. Dirigiram-se à saída e ele não a deixou pagar a conta. Outra surpresa, esse tipo de gentileza não é comum. Saíram do restaurante, ele segurou a porta para que saísse, então viu que ele segurava uma sacola branca na mão. Ao aproximarem-se do carro, ele abriu-lhe a porta e antes que entrasse entregou-lhe dizendo:

- É pra você. Desculpe, mas não tinham papel de presente pra embalar. Sei que você merece mais.

Ela tomou a sacola, abriu e olhou com curiosidade, era uma caixa de chocolates, a mais cara que havia na loja. A esta altura já não havia mais dúvidas, rolava um clima de romance. Ela sentiu o coração dar um pulso, um nó na garganta e tirava as palavras da boca e o fôlego. Não queria demonstrar, havia acabado de conhecê-lo, eram praticamente estranhos. Só conseguiu dizer:

- Sabe há quanto tempo não ganho um presente de um homem? – ele sorriu e balançou a cabeça.

Entraram no carro e seguiram viagem. A cada quilômetro ficavam mais próximos, mais íntimos, sem sequer se tocarem, mas aumentava a sintonia, trocavam olhares provocantes, insinuações, riam muito e conversavam, conversavam, conversavam... Ela, que normalmente gostava de dirigir acima da velocidade máxima, não tinha pressa naquele dia, deixava o tempo passar, deixava-se envolver por aquele homem, tão estranho e tão sedutor.

Finalmente chegaram ao destino. Ela foi meio que se justificando dizendo que era uma cidade pequena, mas destacando a qualidade de vida e a hospitalidade das pessoas que ali viviam. Ele se desmanchava em elogios ao que via, a organização, a limpeza (?) das ruas, os jardins, achava tudo muito bonito e bom. Já passava das cinco horas, pararam na escola para ela lhe mostrar o local das palestras e checar se tudo estava como solicitara por e-mail. Chovia e havia a preocupação com o número de pessoas presentes, mas naquela noite o público seria basicamente os próprios alunos e alguns convidados, umas sessenta pessoas. Ela o apresentou ao pessoal da secretaria e ficou observando a reação deles, afinal, a figura era “diferente” do que as pessoas no

interior estão acostumadas. Enquanto saiu para fumar mais um cigarro, seu colega cochicha-lhe:

- Meio bicho-grilo, né? – ao que ela respondeu:

- Sabe como é, jornalista, escritor, intelectual, vindo de cidade grande, mas é um grande cara, superinteligente, acho que o pessoal vai gostar da palestra.

Após verificar tudo e deixar os exemplares de seus livros para serem expostos, saíram e ela o deixou no hotel. Combinaram que o apanharia perto das dezenove horas.

Saindo dali, foi direto pra casa, a chuva não dava trégua. Lá chegando, deitou-se no sofá e descansou um pouco, estava exausta, mas algo a intrigava nele. Ficou pensando e ao mesmo tempo tentando afastar pensamentos que envolvessem qualquer tipo de relação mais próxima entre os dois. Desviava o pensamento lembrando-se de outra pessoa com quem jantara na semana anterior, quanta diferença, quanta previsibilidade. Deixou-se enlevar em seus devaneios e quando viu já eram quinze para as sete. Arrumou-se correndo e saiu.

Quando chegaram frente ao hotel, ele já a aguardava no saguão, elegantíssimo, terno grafite, camisa risca-de-giz escura com gola branca impecável, gravata branca com listras foscas e brilhantes. Aquele cabelo branco muito bem preso num rabo de cavalo contrastava com o escuro da roupa num jogo de luz e sombra maravilhoso. Havia uma nobreza na sua postura, um ar cavalheiresco que a encantava. Entrou no carro, olhou pra ela e disse-lhe que estava linda. Um discreto halo de perfume com notas verdes e cítricas de muito bom gosto chegou até seu nariz, aspirou aquele aroma demoradamente e só então arrancou o carro sentindo uma alegria enorme de estar ali, com ele. Chegaram ao local do evento e dirigiram-se ao auditório. Havia alguns convidados para receber e alguns detalhes para acertar até o início. Ele saiu para fumar. Quando retornou, ela fez a sua apresentação e depoissentou-se na primeira fila. Ficou ali, sorvendo cada palavra, observando cada gesto daquele homem ao mesmo tempo esquisito e sedutor. Estava encantada com a forma como ele dominava a plateia sem quase nenhum recurso, calmamente, apenas com a força da palavra e do conhecimento mesmo sabendo que já tivesse dado aquela mesma palestra dezenas de vezes. Olhava para os ouvintes de quando em vez e via os olhos brilhando, todo mundo grudado no assento.

Após a palestra foram jantar no restaurante do hotel e ela deu um jeito para que saíssem rápido e sem convidar mais ninguém. Lá chegando, sentaram-se à mesa, conversaram um pouco sobre a palestra e, de repente, ele a pediu que tirasse uma foto apenas de seus olhos e enviasse para ele, dizia-se preso àquele olhar.

- Estou me sentindo como limalha de ferro perto de um ímã poderoso. - disse ele.

Ela tirou a foto, mostrou-lhe, ao que ele aquiesceu com um meio sorriso fitando-a penetrantemente. Então, ela mira a câmera do telefone e tira uma foto dele, daquele olhar tão profundo, tão provocante, queria guardar, substanciar aquele momento

Havia um grupo de pessoas na mesa do fundo do restaurante, uma família de conhecidos, ao saírem a mulher olhou-a com desdém e saiu sem responder seu boa-

noite. Ficou imaginando o que passava naquela pobre mente quadrada: fulana com amante novo, um velho, quanta decadência após o divórcio ruidoso com o ex- marido lindo e jovem, já desconfiava que não era flor que se cheire...imaginou todas as maldades que pensara. Apenas baixou os olhos e continuou ali, embevecida com a conversa.

Logo ele pediu licença para fumar. Enquanto isso, caiu uma chuva torrencial e o telefone dela toca. Ela atende, é seu filho que está em casa assustado com os raios e trovões, quando chove frequentemente há queda de energia no bairro deixando tudo às escuras. O menino chora e pede que vá buscá-lo.

- Que hora pra chover desse jeito!!!Que hora pra atrapalhar os meus planos!!!- pensa com raiva de São Pedro.

Ele entra, senta-se e espera que desligue o telefone. Ela explica o que aconteceu com medo de que ele dissesse que estava cansado e iria dormir. Mas ele a incentiva suavemente:

- Pode ir, vá buscar seu filho que eu aguardo, temos tempo. Não se preocupe.

- Em dez minutos estarei de volta, aqui tudo é perto. – disse ela sôfrega.

Sai do hotel, pega o carro e sai a toda velocidade, as ruas estão alagadas, chove torrencialmente e a visibilidade está péssima, não consegue enxergar os buracos da rua cobertos pela água, ao passar por um deles pensou ter cortado o pneu, felizmente não foi nada. Ao chegar em casa, entra na garagem e seu filho, pré-adolescente, desce assustado, com medo que ela esteja zangada com ele. Inexplicavelmente não está. Passa-lhe a mão no cabelo e diz calmamente:

- Vamos, filhinho, o professor está nos esperando para jantar.

Voltam ao restaurante, pedem o jantar e conversam os três, riem muito, ele conquistara o garoto que é extremamente ciumento e mal educado com potenciais namorados da mãe. Passado da meia noite, após duas garrafas de vinho, saem do restaurante e ele se despede dela na saída do hotel com um olhar penetrante e um beijo no rosto. Ela sai, entra no carro e arranca devagar. Vai embora olhando pelo retrovisor aquele homem esguio, em pé na calçada molhada, fumando, que a observa até o carro dobrar a esquina.

Ao chegar em casa, toma um banho rápido e deita-se, o filho já adormecido ao seu lado. Não consegue dormir, a cabeça gira.

-Onde está se metendo? Ele é casado, depois de amanhã vai embora e você vai ficar aí sofrendo sozinha. Cadê a tua responsabilidade?

Mas ao mesmo tempo em que a razão lhe punia, o desejo a incitava.

- Ele é tão diferente, tão experiente, tem tantas histórias, é um cavalheiro, sabe respeitar uma mulher. Como será na cama? Suave? Selvagem? ... - pensa.

Afasta os pensamentos da cabeça e deixa que a emoção daquele momento mágico a inebrie mais que o vinho. Adormece sentindo o coração bater, sentindo a vida correr em cada veia, em cada milímetro do seu corpo.

Na manhã seguinte levanta-se às seis e meia, prepara o café do filho, toma com ele e depois que vai para a escola, volta pra cama, abraça o travesseiro e relembra as palavras, os olhares, a companhia de J. L. Um desejo imenso toma conta do seu corpo, queria estar com ele, agora, deixar-se envolver por seus braços, sentir o calor suave do seu corpo, a sua pele macia e branca, entrelaçar suas pernas nas dele, fazer amor com ele. Inexplicavelmente, aqueles cabelos brancos lhe despertam tesão. Deixa-se ficar naquele deleite até adormecer novamente. Às nove levanta-se e vai pro banho, arruma-se e vai pro trabalho, combinou de buscá-lo no hotel, há uma entrevista numa rádio local às dez.

Ao chegar ao hotel, para o carro, não o vê, desce pra perguntar na recepção quando olha a praça em frente e o vê sentado em cima do encosto do banco com os pés sobre o assento fumando calmamente. Está vestindo um moleton verde-folha com capuz horrível e uma calça de malha cinza, parece um monge vestido de hippie. Nem de longe lembra o lorde inglês da noite anterior, está muito mais pra *woodstock* que pra Westminster. Enfim, pensa, temos que quebrar os paradigmas e ver além das aparências.

Entram no carro e ele lhe dá um beijo no rosto de bom dia, pergunta-lhe como passou a noite e como está o filho... e a conversa flui. Engraçado, embora fume como um louco não tem aquele hálito horrível de cigarro nem aquele cheiro de jornal velho de quem fuma, o odor do cigarro não fica impregnado em sua roupa.

Passaram primeiramente em seu escritório para apanhar um convite. Ele senta-se numa cadeira à sua frente, segura-lhe as duas mãos e pergunta:

- O que posso fazer por você??? Como posso te ajudar???

Na noite anterior haviam conversado sobre alguns incidentes. Ela desconversa, não sabe o que dizer, não sabe o que pedir, não entende o que aquele homem que conhecera a menos de vinte e quatro horas pretendia com “querer ajudá-la”. Sente uma estranha lágrima brotar nos olhos, não está acostumada a ter pessoas preocupadas com ela, com seu bem-estar.

Dirigem-se à rádio. Lá chegando são conduzidos ao estúdio onde dois locutores e uma assistente apresentam um programa de variedades. Sentam-se e esperam o âncora ler todos os anúncios das promoções do supermercado A, da loja B, etc, etc. Ela queria morrer, fechada ali, escutando o preço do frango, da farinha... ele não demonstra nenhuma reação, senta-se e aguarda calmamente, elegantemente, até que chega a hora de falar sobre suas palestras, seus cursos, seus livros e o motivo de sua estada na cidade. Quando abrem o microfone pra ele, após cumprimentar, fala da saudade que sentiu, pois por muito tempo havia trabalhado em rádio também e do quanto se sentia em casa naquele lugar. A partir de então a entrevista vira um *talk* show animado elevando o programa a um outro patamar. Ele conquistava pela palavra.

Finda a entrevista, ela então o leva a uma escola onde daria um curso no período da tarde para que pudesse conhecer as pessoas e verificar o local. Antes, porém, apanhara seu filho no colégio. Já era quase meio-dia, subiram as escadas com pressa e foram recebidos com pressa pelo , seu amigo. Ao lhe verem na companhia daquele homem estranho, naquele moleton verde berrante, as pessoas meio que estranhavam, mas assim que começava a conversar, sua segurança, sua inteligência e sua calma desfaziam aquela primeira impressão. Foram recebidos no corredor, em pé, os alunos do turno da manhã saindo, os professores correndo para o almoço.

Foram comer em uma churrascaria. Ele havia lhe dito quando do primeiro contato por telefone que gostava da região, do modo de vestir dos moradores de clima frio, da culinária do sul do Brasil. Escolheram uma mesa ao lado da janela e entre uma fatia e outra de picanha falaram sobre mil coisas, viagens, experiências, pessoas que conheceram, aventuras no exterior. Ele havia sido correspondente de um grande jornal de projeção nacional e havia viajado o mundo. Apaixonada por viagens como era, aquelas histórias lhe fascinavam. O cara havia entrevistado o Dalai Lama, é pouco? Agora viajava o país todo trabalhando para uma associação de escritores, visitando escolas, faculdades, universidades. Não entendia bem quem pagava suas despesas, mas não estava nem um pouco preocupada com isso. Estava agradecida por ter-lhe encontrado. Então, ele convida:

- Você pode viajar junto comigo quando quiser.

Ela olha-o surpresa, não sabia o que responder. Um convite desses não era um convite só pra lhe fazer companhia, envolvia muito mais, estava claro que envolvia sexo e ela não sabia se estava tão disposta assim a se aventurar, era cedo ainda, mas sabia fora dada a largada e isso a excitava.

À tarde foi para o trabalho enquanto ele ministrava o seu curso em uma escola, seu filho, convocado por ele, participou do curso embora fosse dirigido a alunos mais velhos. Perto das cinco foi buscá-lo para tomar café, mas ele lhe pediu pra conhecer a cidade. Então começou a andar pela cidade e mostrar-lhe os pontos turísticos, a prefeitura, a cervejaria artesanal, as casas antigas... contou-lhe o pouco que sabia sobre a história local e o tempo passou tão rápido que quando viu já eram seis horas, o café ficava para o outro dia. Dirigiu-se ao hotel e antes de descer do carro, referindo-se à cidade, disse-lhe:

- Hoje conheci a nona maravilha do mundo, a oitava está sentada ao meu lado!

Beijou-lhe o rosto de desceu do carro.

Tendo ouvido isto o menino, no banco de trás, diz de súbito:

- Mamãe, esse cara tá te cantando!

Foi a primeira vez que seu filho lhe falava daquela forma. Fingiu que não entendeu e desconversou.

Naquela noite, havia convidado uma velha amiga para assistir a sua última palestra. Foi até sua casa para apanhá-la, pois a mesma não dirigia mais. Ao parar em frente ao

hotel, lá estava ele fumando mais uma vez, novamente um lorde, desta feita com um paletó azul quase marinho, de uma lãzinha bem fina e com um desenho quadriculado muito fino e elegante, lembrou-lhe os finos *tartans* escoceses, de uma linhagem muito discreta. Dirigiram-se ao local do evento e depois foram jantar, os quatro, no hotel.

A amiga era uma companhia agradável, inteligente, alegre. Conversaram muito, principalmente sobre política e o momento delicado por que passava o país. Havia uma TV ligada, sem som para que as pessoas pudessem conversar, mas as imagens do telejornal chamavam a atenção. O país estava dividido, afundado na corrupção e numa terrível recessão econômica. A amiga tivera um familiar preso durante a ditadura militar, então ele relata a sua experiência, curta, na prisão durante aquele regime e as histórias de amigos e conhecidos. A conversa rola animada regada a um bom vinho. Naquela noite resolve ir embora mais cedo, pois no outro dia teria que levá-lo de volta ao aeroporto e não gostava de viajar cansada.

Na saída, em frente ao hotel, caía uma chuva fina, todos se despediram e entraram no carro. Ela não queria ir, queria ficar, deixou-se estar ali em frente a ele e ele não desgrudava os olhos dos seus. Então ela segurou seu braço, sentindo a textura do tecido fino do seu casaco, olhou ofegante em seus olhos, deu-lhe um beijo de boa noite quase na boca, sentindo a maciez da barba e daqueles lábios. Nunca desejou tanto ter alguém que cuidasse de seu filho, que o levasse pra casa, que levasse a amiga embora. Sentia um nó na garganta. A chuva cessara e restava somente a rua quieta com as calçadas de pedra lavadas e brilhantes. Olhou para aquele cenário, as luzes trêmulas na praça, as árvores balançando levemente as folhas e aquele silêncio quase como um vácuo que faz depois que a chuva cessa. Parecia um filme de suspense.

Na manhã seguinte o sol voltara a brilhar, o céu azul brilhante, nenhuma nuvem, mas fazia frio, aquele frio gelado das manhãs do sul que antecede o inverno. Havia se programado para saírem por volta de dez horas, seu avião sairia às 14:30, teriam tempo suficiente para irem devagar. Antes de partirem ainda deu uma passada rápida na costureira para provar a blusa que usaria no evento naquela noite. Receberia um prêmio de destaque em sua área de atuação. Naquele momento, o jantar e a papagaiada da noite eram o que menos importava pra ela. Exatos vinte minutos e estava de volta, ele impressionado com a sua rapidez. Antes de partirem a secretária lhe dá um molho de chaves que deveria entregar aos pais de uma amiga que estavam indo para o litoral e haviam esquecido. Eles a encontrariam no aeroporto.

- Cidade pequena é assim, todo mundo se conhece e todo mundo se ajuda. – disse –

Partiram. A viagem corria normalmente, ou quase. Ambos estavam contrariados. Entre uma história e outra, ela olhava para o relógio para controlar o tempo e ele dizia:

- Não se preocupe com o tempo. Temos todo o tempo do mundo.

Pararam num posto de gasolina numa cidade próxima, ele queria fumar. Tomaram um café. Ele não a deixou pagar a conta. Saíram da lanchonete. Antes de entrar no carro ele parou e segurou-a pelo braço olhando em seus olhos, ventava, um vento gelado, suas mãos estavam geladas. Abriu-lhe a porta, ela entrou no carro e em seguida ele também. Olharam-se, então ele tocou seus cabelos e foi deslizando a mão até seu rosto e beijou-a delicadamente na boca. Um beijo suave, quente, contrastando com

seu rosto gelado. Ela estremeceu, seu corpo pedia o toque daquele homem, mas estavam ali no meio da estrada, num posto de gasolina.

Ela se recompôs e seguiram viagem. Durante o percurso não faltou assunto. Então ela agradeceu pelos chocolates e disse-lhe que não recebia um presente de um homem havia muito tempo. Ele estranhou uma mulher jovem ainda não ser cortejada por ninguém. A partir daí começaram a falar sobre relacionamento e ela sentiu-se à vontade para contar-lhe algumas coisas de sua vida pessoal. Parecia que se conheciam há muito tempo embora tivessem se conhecido há dois dias. Ele ouvia atentamente e contou-lhe também um pouco de sua vida, que era divorciado, tinha um filho e que estava com alguém havia seis anos.

- Só não acho legal a gente falar mal da pessoa que está com a gente. – Acrescentou.

Era um homem decente, teve a certeza. Um canalha teria se queixado de seu relacionamento, teria se passado por vítima das circunstâncias, teria feito o papel do homem infeliz preso a um relacionamento falido. Não, ele nada disse além daquele comentário.

Mudaram de assunto e o tempo foi passando. Aproximaram-se da capital paranaense e nem se deram conta que o trânsito foi ficando mais lento. Ao entrarem na avenida que dá acesso ao caminho do aeroporto o trânsito parou definitivamente. Era quase meio-dia e o trânsito literalmente parado. Ela estava nervosa, tinha programado deixá-lo no aeroporto às treze horas para dar tempo de sobra pro check-in. E o trânsito não andava. Olhava pra ele e via uma certa alegria pelo engarrafamento em seu semblante. Chegou mesmo a descer do carro, fumou um cigarro, conversou com alguns motoristas que haviam parado também e voltou com uma cara satisfeita.

- Vai demorar, tem uma obra ali na frente que tá segurando o trânsito. Parece que vai demorar. Fique calma, não se preocupe com o avião – disse ele olhando em seus olhos.

Foi então que ela não resistiu e aproximou-se dele beijando-o longamente, apaixonadamente, entregando-se à delícia daquele momento num misto de angústia e prazer. Nos carros à sua volta as pessoas fingindo que não estavam observando.

Uma hora e meia depois de andar alguns metros e parar, finalmente o trânsito começou a desafogar até fluir naturalmente, mas já era tarde, não chegariam a tempo para o embarque. Estavam felizes, embora não dissessem, por poderem retardar a partida.

- Assim eu posso ficar mais um pouquinho junto de você. – dizia.

Chegaram ao aeroporto já eram quase três horas. Ele dirigiu-se ao balcão da companhia aérea para remarcar o voo. Enquanto resolvia isso, ela lembrou das chaves que entregaria ao casal de amigos. Olhou à sua volta, não viu ninguém. Ligou pelo celular e combinou de se encontrarem na lanchonete no piso de cima.

Ele, após pagar multa pra poder embarcar em outro voo, aproximou-se dela segurando-a pelo ombro e foram até o elevador. Quando abriu a porta o casal de

amigos lá estava. Após cumprimentá-los, apresentou o “professor” e resolveram tomar um café juntos antes de pegarem a estrada novamente.

Durante o café observava a desenvoltura com que conversava com pessoas com as quais nunca tinha tido contato antes. Era simpático sem ser necessariamente simpático. Não sorria muito, tinha um jeito meio amuado, porém tranquilo de falar que prendia a atenção de quem o escutava. Obviamente o casal de amigos percebeu que havia algo a mais no ar, porém, educadamente nada mencionaram nem insinuaram. Eram bons amigos. Estranhou o pai da amiga chama-lo de “senhor”, pois deveriam ser da mesma idade. Decidiram sair juntos do aeroporto para que ele não errasse novamente a saída.

Era chegada a hora, tinha compromissos que a esperavam naquela noite. Ele a acompanhou até a saída e quando a abraçou ela deu um suspiro e insinuou falar algo ao que ele interrompeu segurando-lhe a boca:

- Não diga nada, menina, você não imagina o que se passa aqui dentro.

Ela largou seu braço e foi saindo devagar em direção ao estacionamento, olhando pra trás, como querendo guardar pra sempre aquele rosto. Ele lá ficou, em pé, naquele moleton verde, cabelos espalhados pelo vento gelado, a silhueta esguia sob o sol de inverno, a fumaça branca do cigarro subindo ao céu.

Os amigos se aproximam de seu carro e saem em direção à BR. Não consegue prestar atenção nas placas, apenas segue o carro à frente, mil pensamentos rodando na cabeça os olhos lacrimejando. Uma sensação de vazio, como se tivesse deixado pra trás um pedaço de si, um amor da vida inteira. Logo ela, que havia desistido do amor, que andava cética em relação aos homens, que havia decidido nunca mais se apaixonar, se pega numa situação dessas. Tão absorta em seus pensamentos e tão tomada pelo sentimento estava que se perdeu dos amigos, errou a estrada e quando viu estava voltando para Curitiba novamente. Teve que andar alguns quilômetros até pegar um retorno e voltar à sua cidade.

A volta foi rápida, a estrada estava calma, o banco do passageiro vazio e o pé, pesado. Sete e vinte da noite para o carro na garagem de casa, sobe correndo pra casa, toma um banho rápido, arruma-se depressa e às oito em ponto adentra o local do evento. Como havia dito a J.L., enquanto as outras passaram a tarde no cabeleireiro, ela estaria pronta em meia e roubaria a cena da noite. E assim foi.

Os próximos dias foram passando, lentos, frios, vazios. No sábado foi até a casa da amiga que jantara com eles na segunda noite e se confessara apaixonada. Esta nada disse, apenas a olhou pensativa. Então ela perguntou:

- O que vc achou dele?

Ao que a amiga respondera.

- É um senhor- pausou olhando para o nada e completou dizendo - um senhor homem.

- Ele me pegou pela palavra. – foi só o que conseguiu dizer como que se justificando para a amiga escritora.

Sim, era um senhor homem. Mas agora estava sentindo um aperto, uma angústia, uma vontade enorme de falar com ele, mas ele nem sequer tinha um telefone celular. Ela tinha o telefone fixo de casa, mas jamais faria uma ligação. Não, esperaria até que ele a procurasse novamente.

Veio o final de semana. Ele deveria estar ainda a por em dia a vida depois dos dias passados fora. Primeiro dia do mês de maio e nada. Resolveu então enviar um email formal com informações de um depósito pela compra de seus livros e um agradecimento colocando discretamente no final da mensagem o número de seu celular. Mais dois dias e nenhuma resposta. Decide então enviar a foto de seus olhos que ele havia solicitado com o título de “ a pedido”. Mais três dias e a ansiedade só crescia. Decide então mandar um último email com as fotos do evento, porém sem nenhum texto. Seria sua última tentativa.

Dois dias depois ele liga dizendo que estava no norte do Brasil, sem comunicação. Conversaram rapidamente, ele agradeceu as fotos e disse que viria a Curitiba em breve e que avisaria a data para se encontrarem. Seu coração pulou de felicidade.

No dia seguinte recebe um email de um tal Pedro Martins, ao abrir a mensagem, era dele, havia criado um email novo, com outro nome para poder se comunicar com ela e sugeriu que ela fizesse o mesmo. Contrariada pelo inusitado da situação, ela o fez. Assim trocaram umas duas mensagens, ela feliz por ter uma comunicação com ele, até que ele confirmou que viria na semana seguinte para vê-la. Na véspera, porém, disse que talvez viesse acompanhado de algum colega de trabalho. Não importava, ela queria vê-lo novamente, queria ficar com ele, teriam uma noite ou duas só para eles. Combinaram e ela esperou ansiosamente aquela sexta-feira, iriam se encontrar para o almoço num shopping da cidade e depois... o depois só os dois saberiam.

Acordou cedo, tomou banho e enquanto se arrumava o telefone tocou. Era ele, a voz inconfundível. Já estava em Curitiba, mas viera acompanhado, não disse de quem e teria que retornar no mesmo dia. Convidou-a para almoçar e depois para um passeio de ônibus, desses de turismo.

- Eu sei que não era o que estava em nossos planos hoje, mas é o que posso te oferecer hoje. Menina, você não sabe como está sendo difícil controlar a terceira perna. – disse em tom galhofeiro.

Ela achou graça e aceitou. Vestiu uma roupa bem alegre, blusa estampada e calça vermelha, por cima da calça uma cinta preta sobre o joelho, havia uma semana que quase não podia andar de tanta dor. Não poderia usar sapato, apenas tênis. Ponderou sobre sua loucura de viajar sozinha com a perna naquela situação.

- Seja o que Deus quiser. – disse olhando para o espelho.

Ao sair, pegou a nécessaire, colocou todos os artigos de maquiagem, material de higiene pessoal básico, uma camisola e uma calcinha, aquela vermelha, pra qualquer acaso.

Chegou ao local combinado com meia hora de antecedência. Eram onze e meia, ele sairia ao meio-dia da faculdade onde estava ministrando seu curso, não fazia ideia de

quanto tempo demoraria para chegar lá. Enquanto isso, passeou entre as lojas, olhou as vitrines, viu um par de botas maravilhoso e com preço tentador. Entrou na loja, provou, saiu. Os minutos passavam e ela olhava para todos os lados sem avistá-lo. De repente, o telefone toca, ela senta-se no banco em frente à loja de sapatos e atende. Era o ex-marido que queria enviar um documento para seu advogado, combinaram de ele entregar-lhe quando estivesse voltando, ela ligaria. Desligou o telefone, antes de guardá-lo uma sombra surge à sua frente, e ela imediatamente levanta para cumprimentá-lo.

- Olá, estamos atrasados. – disse ele envolvendo-a num abraço de beijando-a cheio de saudade.

Ela retribui o beijo discretamente, havia outra pessoa com ele, um rapaz, jovem, com aparência de quem tinha recém deixado a faculdade, com uma bolsa a tiracolo. Ele os apresentou.

- Este é o Prof. William. Ele é professor de história.

Ela cumprimentou o rapaz. Tinha cara de professor de história mesmo, cabelo escuro meio desgrenhado, pele branca, uma bolsa a tira-colo, um jeito de quem gosta de ler e estudar. Ficou meio sem graça, ela não sabia o que dizer, não estava preparada para aquela recepção na frente do rapaz.

- Então? – perguntou ele – Almoçamos aqui mesmo no shopping ou você tem alguma outra sugestão?

- Pra mim tanto faz – respondeu ela – pode ser aqui mesmo, tem bons restaurantes aqui.

Naquele momento o que menos importava era o que comer ou onde comer. O que ela queria era estar com ele, saciar seus desejos.

- Deixe-me te dizer uma coisa, temos livre até às seis da tarde. Às sete tenho outra palestra e depois retornamos a São Paulo, eu e o Will. Almoçamos aqui e depois fazemos o passeio turístico. Que tal? Mas antes vamos até ali no final do corredor que eu preciso fumar.

Todos concordaram com a proposta e foram caminhando lentamente até a porta de saída do shopping. Lá fora ele acendeu o cigarro e olhando-a em tom meio divertido disse:

- O Will, entre outros defeitos, é também meu filho.

Ela ficou estupefata. Como? O cara vinha se encontrar com ela e trazia o filho? Não fugia? Não se escondia? Ele riu e tragou o cigarro dizendo:

- Não se preocupe, ele é filho da outra, torce por mim.

A partir de então a conversa ficou mais animada, menos cerimoniosa. O rapaz era gente boa. Ele terminou de fumar seu cigarro e foram até o restaurante para almoçar. O rapaz puxa a cadeira para que ela se sente e ela diz:

- Vê-se logo que é seu filho, um cavalheiro como o pai.

O rapaz responde:

- Isso anda meio em falta hoje em dia, mas aprendi com meu velho que é importante.

Will vai servir-se e os dois ficam sozinhos na mesa. Ele segura sua mão, olham-se, fitam-se, trocam palavras com duplo sentido, sorriem, devoram-se em pensamento.

- Desculpe, não era o que tínhamos pensado, mas eu queria te ver. Não deu pra ser diferente. Eu sei do esforço que você fez para estar aqui, sei o tempo que leva para você vir me ver e depois ainda tem a volta. Obrigada por ter aceitado meu convite.

Ela sorri e responde:

- Não importa. O importante é que estamos aqui. Vamos aproveitar o tempo que temos.

Nisso Will chega com o prato e eles então vão se servir. Durante o almoço conversaram muito. O rapaz fala inglês, viajou meio mundo trabalhando num desses navios de cruzeiro, dá aulas de inglês numa escola em São Paulo, escreve nas horas vagas e ainda adora gastronomia. Trocaram várias informações e ela ficou de lhe enviar aquela receita de risoto de morangos com champanhe que ainda não havia testado. Ele contou-lhe de seus planos, de uma ideia de abrir uma escola de inglês em São Paulo, pediu-lhe dicas e ela deu alguns conselhos prontificando-se em ajudar se ele quisesse.

Acabado o almoço, já eram duas e meia, ele pediu a conta. Ela insistiu em dividirem, mas ele nem a deixou terminar, levantou, segurou sua cadeira para que se levantasse e tomou-a pela mão:

- Vamos pegar o city tour, é a primeira vez que Will vem a Curitiba.

Era a primeira vez que um homem brasileiro a tratava assim, abrindo a porta, puxando a cadeira para se sentar, pagando a conta...e tudo com uma suavidade, com uma naturalidade incrível. Saíram do restaurante e rumaram para o ponto em que o ônibus parava. Lá chegando ele pediu licença para fumar enquanto ela e Will conversavam animadamente.

O último ônibus partia às três da tarde e retornava às seis, o cobrador avisou que não poderiam descer nos pontos turísticos e esperar um próximo. Olharam-se e decidiram ir assim mesmo. Ele pagou o bilhete dos três, mais uma vez não aceitou que ela pagasse o seu, mas o cobrador, diante da escassez de passageiros e do adiantado da hora cobrou apenas um bilhete. Subiram e tomaram seus assentos, os dois à frente e o rapaz atrás, já com a máquina fotográfica profissional em punho. Ela olhou e sorriu feliz, tinha mais um cúmplice naquela história.

O que se passou a partir daí daria uma bela cena de filme, os dois abraçadinhos, juntinhos, trocando beijos e carinhos num ônibus de turismo com o vento gelado de inverno a lhes esvoaçar os cabelos: jardim botânico, passeio público, centro histórico, Centro cívico, Museu Niemeyer, pedreira Paulo Leminski, Ópera de Arame (escondida

no meio das árvores), Parque João Paulo II... Até mesmo um pacote de jujubas ele Will tirou da mochila. Ela sentia-se em outra dimensão, voltava à memória seus passeios em capitais da Europa, só voltava pra realidade quando via a sujeira acumulada nas marquises dos prédios, os chicletes grudados nos pontos de parada, os fios de luz quase enroscando em suas cabeças. Mas o coração batia como se adolescente fosse. Ele a envolvia em seus braços, acariciava os cabelos e falava em seu ouvido algumas coisas mais apimentadas. Quando estavam quase em Santa Felicidade ele olhou-a em tom sério dizendo:

- Olhe bem a paisagem, aprecie bem esse verde porque da próxima vez que eu vier vou te internar num quarto de hotel e não vou te deixar sair por uma semana.

Ela riu concordando, passou a mão em sua perna e subiu até a coxa, pensou em passar a mão em seu membro, acariciá-lo enquanto ele a beijava, mas não teve coragem, desistiu.

Fazia frio e o vento cortava, o ônibus era aberto na parte de cima. Ele tirou um cachecol branco de lã da bolsa e enrolou por cima do lenço de tecido que ela trazia no pescoço. Will estava gelado, ela ofereceu o cachecol, mas ele recusou, minutos mais tarde ela tira o cachecol e entrega ao rapaz.

- Por favor, eu estou acostumada com o clima daqui, você não, não quero que fique doente.

O rapaz respondeu com um doce sorriso.

Já anoitecia quando o ônibus parou na praça Santos Andrade, era o ponto final, acabara o tour. O trânsito estava horrível, eles teriam que seguir para o compromisso de trabalho e ela havia deixado o carro no estacionamento do shopping, insistiu que poderia voltar sozinha ao shopping, mas eles não deixaram. Olhou pra ele, enquanto fumava mais um cigarro, naquele final de tarde, o sol se despedindo, o vento esvoaçando seus cabelos brancos. Guardou aquela imagem, sentiria saudades.

Pegaram um táxi e seguiram em silêncio, estava chegando a hora que nenhum dos dois queria. Ao chegarem, entraram, ele tirou do bolso um cartão com um número que a faculdade havia dado, mas ninguém respondia. Após três tentativas decidiu pegar um taxi por conta própria para não se atrasarem. Ela abraçou o rapaz abrindo um sorriso:

- Will, você é um grande cara. Adorei te conhecer.

- Eu também, você é muito legal. – disse o rapaz.

Então olhou pra J. L., ficou na ponta dos pés, passou a mão em seu rosto, olhou bem nos seus olhos e o beijou ali no meio do shopping com as pessoas passando.

- Te cuida, foi muito bom. Obrigada por tudo. – disse.

- Se cuida, menina. Logo a gente se encontra. – respondeu.

Ela se afastou e ficou observando os dois, pais e filho. J.L. vestia uma camisa branca, o mesmo paletó de lã azul, gravata escura e calça jeans. Ficou ali, parada, observando pai e filho apressarem-se em direção ao ponto de taxi.

Quando sumiram de vista, ligou para o ex-marido trazer-lhe o documento e enquanto esperava não resistiu à loja de sapatos. Entrou, provou novamente, provou mais um par de sapatos, comprou os dois, pagou e saiu. Neste exato momento avista o ex chegando com outro homem, um sujeito baixinho, moreno, com cara de crente.

- Ui. – pensou com um nó no estômago – tudo que eu menos queria era ver essa criatura hoje.

Ele entregou-lhe o documento, trocaram algumas palavras banais e foi embora.

Na volta veio pensando nele o tempo todo no inusitado daquela situação, no ridículo de estar se comportando com uma adolescente e na delícia daqueles momentos passados juntos. J. L. tinha trazido um novo colorido à sua vida.

De volta à casa, começa o dilema, ligar nem pensar, só telefone fixo, envia um email no dia seguinte para o Pedro Martins, o endereço *fake*, agradecendo pelo passeio e pela companhia. Ele responde no dia seguinte dizendo que Will havia gostado dela, o que era bom para ambos, e que em breve retornaria.

Ela lhe respondeu dizendo que estaria aguardando e já estava com saudades. Porém, chamou-lhe a atenção o comentário que ele insinuando que ela havia ligado para sua casa.

- Cuidado -respondeu ela – podem ter hackeado teu computador, verifique suas senhas.Sei do que estou falando, fiz muito disso. Coisa de ex-mulher.

Na manhã seguinte, enquanto se arrumava para o trabalho chegou uma mensagem dele. Para sua surpresa a resposta dele, no dia seguinte, dizia que haviam ligado pedindo informações de palestras com o tal Pedro Martins. E ainda acrescentou:

- Em casa não, né? Vamos tomar cuidado.

Naquela hora mil coisas passaram pela sua cabeça. Será que a outra havia mesmo hackeado o computador e lido todas as mensagens entre eles? Será que ele estaria inventado aquela história para se afastar? Será que o filho deu com a língua nos dentes? Não conseguia entender, apenas respondeu:

- Eu jamais liguei ou ligaria para sua casa. Não faz o meu estilo nem tampouco mentir. Verifique suas senhas.

Passou o resto do dia pensando no que poderia ter acontecido angustiada com aquela situação, tudo estava indo tão bem, ele era tão maravilhosamente especial. Abria a sua caixa de mensagens de meia em meia hora para ver se havia alguma resposta. Nada. Nenhuma palavra dele. Aquele silêncio a corroía por dentro, não conseguia se concentrar em nada. Foi para casa tomou um banho e sentou-se em frente à TV com uma taça de vinho e o telefone celular na mesa ao lado esperando alguma notícia. Nada.

Vencida pelo cansaço e pelo álcool foi para a cama e caiu logo no sono. Eram duas da manhã quando ouviu o alarme de mensagem do telefone que estava no criado mudo. Pegou e viu que era dele, seu coração sorriu, haveria alguma explicação para aquele mal entendido. Começou a ler a mensagem e não podia acreditar no que seus olhos viam. A mensagem era clara e definitiva.

- Cara Senhora. Desculpe se dei a entender que poderia haver alguma coisa entre nós. Devo dizer-lhe que sou casado e amo minha esposa. A partir de agora nem eu nem minha secretária iremos responder aos seus telefonemas nem a seus e-mails, nem no meu endereço pessoal nem neste (Pedro Martins). Este endereço será apagado. Assumo toda a responsabilidade. A culpa é toda minha, agi como um canalha, e você agora terá que arcar com esta decisão.

Ficou petrificada. Não podia ser verdade, parecia uma brincadeira. Com quem estava lidando? Um louco? Um maníaco? Um débil mental? Como podia se desculpar por ter dado a entender que poderia haver algo entre eles? Depois de tudo? Depois de ter-lhe apresentado o filho? Estaria ela delirando? Haveria ela sonhado, inventado tudo? Estaria fora de suas faculdades mentais? Seria um caso de alucinação? Passou o resto da noite tentando entender. Passou-se mais um dia e outro dia. Passou o resto da semana pensando. Esperou que ele lhe desse alguma pista do que poderia ter acontecido. Esperou, e nada.

Sábado à noite não resistiu, o bom e velho sarcasmo a fez enviar a última resposta para todos os endereços eletrônicos dele que possuía.

- *Désolée, chéri*. Já havia comprado o vestido de noiva e enviado os convites. Só me resta agora cortar os pulsos e esperar o sangue esvair-se dentro de minha banheira. Será um lindo *grand final*.

Nunca mais soube de J.L., mas demorou até que a sua imagem fosse aos poucos se dissipando como uma estátua de areia de um gigante no deserto. Ainda lembra-se dele, mais com ternura do que com a raiva e indignação que sentiu no início, de vez em quando olha suas fotos, procura vídeos de entrevistas e busca informações dele na internet. Não sabe o que houve. Nenhuma novidade. Ainda não entende. E sua imagem vai se desfazendo pouco a pouco, a cada dia, a cada grão de areia levado pelo vento.

